

Gustavo Dean-Gomes

Budapeste, Viena e Wiesbaden

O percurso do pensamento
clínico-teórico de Sándor Ferenczi

Budapest, 11. XII. 22.

Lieber Georg,

Der Gegensatz zwischen unserer Ansicht beginnt schon
in der Auffassung der Möglichkeit des Streites überhaupt.
Indem das Streiten zumindest annähernd einhellig ist,
wird lange leben, das lange streiten werden. Ich sage
dass Diskussionen die Klärung der folgenden Probleme
im geringsten fördern. Die Disputanten verstoßen sich
auf ihre eigene Meinung, sind unzugänglich, hören
keine Stimme. Auch in der Analyse ist es ein bewährtes
Mittel nicht zu disputieren. Wenn man den Widerspruch
sprachen läßt, so will er ^{die ganze hier herüber} wenn sie überhaupt
überhaupt ^{nachvollziehlich} von selbst. - Ich finde,
wird uns nützlichweise auf diese des Psychoanalytischen
Gebiet verort, indem wir den Versuch unternehmen

Blucher

BUDAPESTE, VIENA E WIESBADEN

*O percurso do pensamento
clínico-teórico de Sándor Ferenczi*

Gustavo Dean-Gomes

Budapeste, Viena e Wiesbaden: o percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi

© 2019 Gustavo Dean-Gomes

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagens da capa: correspondência de Sándor Ferenczi para Georg Groddeck [reprodução], acervo da Ferenczi House, International Sándor Ferenczi Network, Budapeste (foto do autor); foto de Sándor Ferenczi, Wikimedia Commons.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Bonie Santos

Produção editorial Isabel Silva, Luana Negraes, Mariana Correia Santos,

Marília Koeppel e Milena Varallo

Preparação de texto Cátia de Almeida

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Antonio Castro

Capa Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Dean-Gomes, Gustavo

Budapeste, Viena e Wiesbaden : o percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi / Gustavo Dean-Gomes. – São Paulo : Blucher, 2019.

496 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1835-7 (impresso)

ISBN 978-85-212-1836-4 (e-book)

1. Psicanálise 2. Ferenczi, Sándor, 1873-1933 – Crítica e interpretação I. Título.

19-1087

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio <i>Luís Claudio Figueiredo</i>	17
Introdução: motivações, desenvolvimento e método de pesquisa	21
1. Apontamentos biográficos (1873-1933)	
Vida e contexto familiar	33
O início de nosso percurso: a formação universitária em Viena e os primeiros passos na carreira médica	40
2. O pensamento clínico pré-psicanalítico de Ferenczi (1899-1906)	
Introdução e plano de abordagem dos escritos de Budapeste	51
Um primeiro contato com o pensamento original de Ferenczi: “o espiritismo” e as influências neorromânticas	53
A influência de Haeckel e a visão da psicologia com base na teoria da evolução	62
“Leitura e saúde”: as reflexões iniciais acerca do universo infantil	70

As críticas à idealização da prática médica e a busca por uma escuta singular (o caso Rosa K.)	76
O flerte com as teorias sobre degenerescência	82
A via inconsciente das afecções psíquicas e sua clínica baseada no pensamento de Möbius	87
Considerações sobre hipnose, sugestão e alguns outros métodos terapêuticos nos escritos de Budapeste	92
3. O encontro com Freud e as primeiras contribuições à psicanálise (1907-1909)	
A aproximação do método psicanalítico a partir de seus biógrafos	105
Paralelos entre as primeiras concepções de Freud e o pensamento pré-psicanalítico de Ferenczi	111
A relação com Freud	117
As primeiras ponderações psicanalíticas sobre a interação do ambiente com a criança: a educação	123
A apropriação ferencziana da teoria psicanalítica	134
“Transferência e introjeção”: as primeiras reflexões sobre a clínica psicanalítica	140
4. Ferenczi e a consolidação da psicanálise clássica (1909-1919)	
A participação de Ferenczi no contexto da elaboração dos escritos técnicos de Freud	153
Materna e paterna, terna e intimidadora, disposição e submissão: as diversas naturezas do fenômeno transferencial	160
Positiva e negativa: aspectos sugestivos e fenômenos de resistência nas transferências	168
Sintomas transitórios e transferência: a resistência à rememoração e a repetição	175
A regra de abstinência e o problema da satisfação (e da frustração) libidinal durante o encontro analítico	186
O sentido de realidade: da onipotência ao (difícil) reconhecimento de um “além de si” (e o ingresso nas vias de simbolização)	191

Princípio da neutralidade e contratransferência: considerações freudianas nos anos 1910	199
A primeira revisão ferenciana da questão da(s) contratransferência(s)	207
5. O início do período de inovações clínicas: a técnica ativa (1919-1924)	
A técnica ativa: surgimento e dificuldades clínicas em questão	217
A paciente violada e o uso de proibições na técnica ativa	223
O caso da musicista croata e o acréscimo de injunções na técnica ativa (a técnica ativa em dois tempos)	229
As fantasias provocadas: das injunções às reconstruções, os novos usos da contratransferência	234
“Perspectivas da psicanálise” – a aliança com Rank: novas observações sobre a repetição e a experiência afetiva na clínica psicanalítica	241
“Perspectivas da psicanálise” – a recepção: o primeiro abalo na relação com Freud e a comunidade analítica	255
6. A (re)introdução do trauma e uma nova compreensão da influência materna na cena analítica (1919-1924)	
Trauma e maternidade? A confluência dos temas	261
A guerra e a revalorização do trauma no contexto psicanalítico: as neuroses traumáticas	264
O trauma, o psiquismo para além do princípio de prazer e os processos de ligação como trilha para a psicogênese	269
Ferenczi com Groddeck: o (re)encontro e a legitimação de intuições esquecidas	275
<i>O trauma do nascimento</i> : Ferenczi entre Freud e Rank	279
Thalassa, a mãe-oceano: da filogênese à psicogênese, da regressão à adaptação	286
A afirmação de desprazer: novas formulações sobre a psicogênese e o acesso à alteridade a partir dos regimes pulsionais	297

7. A relação entre trauma e ambiente primário e suas consequências psicogênicas e clínicas: o início do período de indulgência (1925-1931)	
A revisão da técnica ativa	309
O trauma como produto de desajustes na adaptação do mundo adulto à criança	319
Os reflexos do trauma na pulsionalidade infantil: novas considerações sobre a pulsão de morte	331
Aspectos da elasticidade da técnica: o tato, a estética no encontro analítico e a ênfase na perlaboração	336
Aspectos da elasticidade da técnica: a empatia e o aprofundamento do uso da contratransferência	347
A emancipação clínica de Ferenczi: o princípio de relaxamento, as regressões e a nova partida	359
Outras implicações do princípio de relaxamento: a análise como jogo e a neocatarse	369
8. A ampliação do campo do trauma e os derradeiros avanços clínicos de Ferenczi (1931-1933)	
A retomada de antigas intuições freudianas e a ampliação do campo dos traumatismos	377
A cisão do ego e seus mecanismos: a autotomia, a prematuração patológica e o teratoma	382
A paciente Dm. (Clara Thompson) e a polêmica “técnica do beijo”: novas considerações sobre a abstinência e a importância da pessoa real do analista	391
A paciente RN. (Elizabeth Severn): da análise mútua ao princípio da mutualidade	399
O trauma em três tempos: a sedução incestuosa e suas repercussões angustiantes, defensivas e identificatórias (a identificação com o agressor)	407
O trauma em três tempos: o desmentido, o aspecto intergeracional do trauma e a escuta analítica como experiência de reconhecimento	417

O terrorismo do sofrimento e as dimensões opressivas do amor e da transferência	427
O poder do analista e os efeitos terapêutico-constitutivos da sugestão: a sedução ética como um desviar da pulsionalidade mortífera (e um chamado para a vida)	436
A censura em Wiesbaden e os últimos dias de Ferenczi	448
Considerações finais	
A difícil apreensão do legado ferencziano: breves apontamentos	461
O vigor do pensamento de Ferenczi com base na ética do cuidado	466
Referências	473

1. Apontamentos biográficos (1873-1933)

Vida e contexto familiar

Viena, década de 1890. A capital da Áustria é uma cidade em ebulição político-científico-cultural. Nem sequer completara-se trinta anos das primeiras lufadas dos ares da democracia liberal, delineada pela burguesia ascendente, e a nova organização já se via contestada por representantes do pensamento socialista. Nos cafés, a *ágora* daqueles tempos, como bem pontua Mínguez (2015, p. 64), debate-se a política e as novas tendências da arte e tramam-se conspirações. O absolutismo característico do Império Austríaco cederia em favor da constituição de um estado de direito, no qual a centenária dinastia dos Habsburgo compartilharia o poder com o parlamento. Os parlamentos, para sermos exatos, o *Ausgleich* – compromisso subscrito em 1867 pelo imperador Francisco José e por representantes das elites magiares –, transformaria o território em uma monarquia dual, fundando o Império Austro-Húngaro.

Foi nesse período que, um pouco ao norte da *Ringstraße*, um médico nascido na Morávia – território anexado ao Império

– iniciou seus trabalhos em um método clínico inovador para o tratamento de neuroses, afecções de caráter controvertido que varriam a Europa naquele momento. Referimo-nos, naturalmente, a Sigmund Freud e à psicanálise, uma forma de abordagem do psiquismo que, segundo historiadores, ia ao encontro do espírito de seu tempo.¹

Freud nasceu em 1856 e graduou-se na Faculdade de Medicina de Viena em 1881. Foi nessa mesma faculdade que nosso personagem, Sándor Ferenczi, formou-se médico em 1896, ano em que retornou à Hungria, seu país de origem.

Ferenczi nasceu em 7 de julho de 1873, em Miskolc, uma cidade de, à época, sessenta mil habitantes, distante aproximadamente duzentos quilômetros da capital húngara, Budapeste.² Sua família não passou incólume aos eventos históricos que se deram entre os quase cem anos que separam a Primavera dos Povos, em 1848, e o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Seu pai, Baruch Frankel, nascido na Polônia em 1830, aos dezoito anos participaria, ao lado dos nacionalistas húngaros, do movimento revolucionário que se iniciara no reino em 15 de maio.³ O curto triunfo

1 Aproximando a psicanálise do campo de revelação da pulsionalidade, sobre a qual artistas como os pintores Gustav Klimt e Egon Schiele e o escritor Arthur Schnitzer lançavam luz – para desgosto do racionalismo e da moral de parte da burguesia vienense –, assim diz Mínguez: “A teoria do inconsciente foi revolucionária porque, aplicada ao conjunto da sociedade vienense e austríaca, desvelava as correntes subterrâneas que lhe percorriam. A própria cultura burguesa, repressora do corpo e dos impulsos sexuais, aparecia como o germe da patologia anímica dos pacientes, e essa era uma crítica que muitos na Áustria não estavam dispostos a assumir” (2015, p. 218, tradução nossa).

2 Cidade que, nesse mesmo ano, criara sua feição atual, a partir da reunião de Buda e Peste, municípios independentes que ocupavam margens opostas do Rio Danúbio.

3 Diferentemente do que se dava na França e na Inglaterra (países com identidades consolidadas de longa data), as revoluções na Europa central não se fundamentavam tão somente na afirmação do liberalismo *versus* autocracia

dos revoltosos liderados por Lajos Kossuth e pelo poeta e escritor Sándor Petofi permitiu a instalação do governo comandado pelo primeiro-ministro Lajos Batthányi.⁴ Os conflitos existentes entre os vitoriosos e as minorias croatas que habitavam o território da Hungria, no entanto, abriram a oportunidade para que os Habsburgo retomassem o controle da região. Assim, com a derrocada do governo instaurado pelos insurgentes, segundo Balint (citado por Lorin, 1983, p. 28), o pai de Ferenczi obteve a autorização para abrir uma livraria em Miskolc.

Baruch casou-se com Rosa Eibenschütz, em 1858. Sándor era o oitavo filho de uma família de doze irmãos (seis homens e seis mulheres): Henrik, Miksa, Zsigmond, Ilona, Maria, Jacob, Gizella,

como também tinham, como fortíssimo componente, o nacionalismo. Nesse sentido, por exemplo, consultar Brabant-Gerö (1993, p. 17).

- 4 A figura de Petofi merece uma consideração especial. Sabemos por Sabourin (1988[1985]) que este era o mais estimado poeta húngaro. Sobre a influência em sua personalidade desse homônimo importante, Ferenczi contava a seguinte anedota – carreada por Freud a seu texto “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana”: “Em meu primeiro ano ginasial, pela primeira vez na vida, tive de recitar um poema em público (i.e. diante da classe inteira). Estava bem preparado e fiquei atônito ao ser interrompido, logo no começo, por uma gargalhada geral. O professor logo me explicou o motivo dessa estranha reação: eu dissera corretamente o título do poema, ‘Aus der Ferne’ [Da Distância], mas, em vez de atribuí-lo a seu verdadeiro autor, indiquei meu próprio nome. O nome do poeta é Alexandre (Sándor [em húngaro]) Petofi. A troca foi favorecida pelo fato de termos o mesmo prenome, porém, indubitavelmente, a causa real foi que, naquela época, eu me identificava em meus desejos secretos com esse famoso poeta-herói. Mesmo conscientemente, meu amor e admiração por ele beiravam a idolatria. Por trás desse ato falho, é claro que se encontra também todo o lastimável complexo da ambição” (Freud, 1996[1901], p. 95). Não podemos deixar de ficar intrigados com o valor dessa identificação de Sándor, o psicanalista inquieto, com o homônimo poeta-revolucionário húngaro. Não deve ser desprovido de razão o fato de Ferenczi identificar-se com alguém destinado à promoção da revolução. Não só seu pai foi um soldado que lutou contra o estabelecido como também ele fora batizado com esse nome.

Moritz, Vilma, Lajos e Zsófia. Alguns dos irmãos padeceram sob o Holocausto, quando Sándor já havia falecido.

Sándor viveu em um lar ilustrado, cercado de livros, com pais fluentes em húngaro, alemão, iídiche e polonês. Além da livraria, a família possuía uma editora que promovia encontros com escritores, músicos, artistas e intelectuais. Foi um comércio de sucesso, editando obras, inclusive, de importantes poetas da resistência húngara. A cultura era um assunto corrente em sua família e a relação com a literatura, ao que parece, estava especialmente simbolizada na figura do pai.

Nosso protagonista foi educado em um colégio calvinista, onde entrou em contato com crianças que professavam fé diferente do judaísmo de sua família: havia protestantes e católicos, entre outros. Era um bom aluno, mas pouco disciplinado. Sabemos por Prado de Oliveira (2011, p. 14) que, no colégio, chegou a ser premiado por um trabalho feito em parceria com um colega sobre o nascimento da nação húngara. Lá, também, aprendeu novos idiomas: o latim, o francês e o inglês.

Em 1879, a família promoveu a mudança de seu nome judeu para um de origem húngara. Sabourin (1988[1985], p. 10) conta-nos que, à época, essas alterações se davam mais num esforço de assimilação cultural que por questões antissemitas e, com esse propósito, o nome do pai passou de Baruch Frankel para o magiar Bernát Ferenczi, alteração que foi feita também nos nomes de todos os filhos nascidos antes desse ano.⁵ Rachman (2004[1995], p. 3) e Sabourin (em *Ferenczi: paladino e Grão-Vizir secreto*, 1988[1985])

5 Brabant-Gerö esclarece-nos que esforços de assimilação como esse seriam, “aos olhos dos judeus, um preço relativamente modesto a pagar pela ascensão social” (1993, p. 27, tradução nossa). Ademais, o empenho de assimilação dessa população satisfazia a nobreza magiar, que se via ainda mais fortalecida para dominar os demais povos que coabitavam no território húngaro.

destacam o aspecto político da escolha da grafia do nome finalizado em “i” como uma opção ligada a uma concepção democrática, em oposição ao “y”, que seria indicativo de certa pretensão aristocrática no contexto húngaro.⁶

Segundo os biógrafos, Sándor era o predileto de seu pai até a morte deste, em 1888 (aos 58 anos), quando era ainda adolescente. Esse fato viria a marcá-lo de forma indelével. Rachman, citando o obituário escrito por Balint em 1933, por ocasião da morte de Ferenczi, destaca que:

Sándor esteve exposto desde sua juventude a ideias revolucionárias e políticas, identificando-se com o espírito livre-pensador de seu pai. O adolescente Ferenczi, que amava e idealizava seu pai, assimilou o espírito revolucionário intelectual deste. Sua posição como o “enfant terrible” da psicanálise facilmente sugere esta conexão com seu pai⁷ (2004[1995], p. 3).

6 Lukacs confirma o quão usual e específicos eram os processos de magiarização dos nomes nesse período, contanto que um dos mais reconhecidos húngaros de então, o pintor Mihály Muncácsy, adotara como sobrenome seu lugar de nascimento (Munkács) “com um floreio aristocrático, acrescentando o y nobre no final” (1988, p. 16), em substituição de seu sobrenome germânico original, Lieb.

7 Novamente Brabant-Gerö nos auxilia a compreender como a história pessoal de nosso autor ia ao encontro do contexto da época, algo diverso daquele da juventude de seu pai. A autora sublinha que, diferentemente da geração de judeus que se esforçou para ser assimilada no século XIX (como o pai de Ferenczi), os jovens judeus que já viviam integrados à sociedade húngara “não se contentaram mais com um *status* de cidadãos de segunda categoria” (1993, p. 27, tradução nossa). A possibilidade de participação política lhes permanecia restrita, salvo àqueles que aceitassem a última etapa do processo de assimilação, que seria a conversão ao catolicismo. Dessa forma, muitos jovens judeus, e esse nos parece ser o caso de nosso protagonista, tinham “perdido suas raízes no caminho da aculturação, aderindo a pensamentos universalistas. Nesse país

É bastante comum nos escritos relativos à figura de Ferenczi que a questão da busca de uma nova referência paterna seja mencionada, especialmente em sua relação com Freud, tema do qual trataremos oportunamente. Sabourin, novamente, nos conta que a leitura foi um meio importante de Ferenczi lidar com a morte precoce do pai. Assim:

Seu gosto pela literatura e as influências filosóficas, literárias e políticas que constituem suas raízes culturais são uma continuação das tomadas de posição do pai, portanto um elemento de sua filiação e do trabalho de luto em relação a ele, em que as posições revolucionárias se encontram transmitidas nas posições do filho⁸ (Sabourin, 1988[1985], p. 12).

Com a morte do patriarca, a mãe de Ferenczi, Rosa, passou a comandar os negócios da família. Também ela era uma pessoa bastante ativa, presidindo a liga das mulheres judias de Miskolc (Sabourin, 1988[1985], p. 10). No entanto, diferentemente do que acontecia com o pai, conta-se que as relações de Sándor com a mãe não eram tão boas. A Freud ele escreveu, em outubro de 1912, após um estado de convalescência, sobre o “desejo de regressar a cenas infantis de adoecimento quando muito amor me

onde a última etapa da integração se mostra intransponível, onde a cultura tradicional é profundamente nacional e nacionalista, os intelectuais judeus se associavam aos criadores de uma contracultura fundadora de uma Hungria moderna” (Brabant-Gerö, 1993, p. 28, tradução nossa).

- 8 Lorin sustenta a mesma tese: “Nossa hipótese é que, para Ferenczi, o mundo literário é o mundo do pai” (1983, p. 52). De forma geral, parece correto dizer que Ferenczi refugiava-se na companhia dos livros. Ele comenta algo assim no parágrafo de encerramento de “Anatole France, psicanalista”: muitas vezes a companhia dos autores e literatos compensava o desprezo com que as ideias psicanalíticas eram recebidas no meio médico (Ferenczi, 2011[1911a], p. 147).

era concedido por minha mãe, que usualmente era severa” (Brabant et al., 1995, p. 128). “Recebi dela muita disciplina e muito pouco afeto”, escreveu Ferenczi a Georg Groddeck, anos depois (Rachman, 2004[1995], p. 5). Rudnytsky (1996, p. VII) ressalta outro incidente, em idade precoce, que exemplificaria traumas emocionais e sexuais que teria sofrido em sua infância. Referindo-se a uma carta escrita por Ferenczi a Freud, conta-nos da confissão do húngaro de que, na idade de três anos, teria sido pego por uma cozinheira praticando masturbação mútua com sua irmã Gizella, o que teria lhe rendido uma ameaça feita por sua mãe, que empunhava uma faca de cozinha.

Como dissemos, em 1891, nosso autor mudou-se para Viena para estudar medicina. Retornou a Budapeste com a conclusão do curso, e lá (salvo o período de guerra, quando foi convocado para trabalhar como médico do Exército, e um pequeno lapso em meados dos anos 1920, quando viveu nos Estados Unidos) desenvolveu toda sua carreira médica e, posteriormente, psicanalítica.

Em 1917 casou-se, depois de muita hesitação, com Gizella Pálos, uma mulher oito anos mais velha, com quem estava afetivamente envolvido havia muito tempo. Por conta dessa diferença de idade, segundo alguns biógrafos, não tiveram filhos. As famílias de Gizella e Ferenczi eram conhecidas, tendo se aproximado ainda mais após a morte do pai dele. O vínculo de Ferenczi com sua futura esposa está no centro de uma das polêmicas alimentadas na sua relação com Freud, pois o húngaro, por algum tempo, esteve dividido entre seus sentimentos por Gizella e outros que dirigia a filha dela, Elma. Freud, que foi analista de Ferenczi, de Gizella e de Elma, posicionava-se firmemente favorável à escolha da primeira, o que não deixou de ter consequências na relação entre os dois homens.

Ferenczi foi o primeiro psicanalista a ocupar a cátedra universitária. Lecionava sobre psicanálise, ainda que por um intervalo de

tempo restrito, equivalente ao breve período do regime comunista húngaro de Béla Kun, no final da década de 1910 – um vínculo que lhe custaria certos dissabores, como vemos adiante.

Em 1925, segundo antecipamos, estabeleceu-se nos Estados Unidos por oito meses, onde atuou como palestrante em Nova York e Washington. Posteriormente, retornou à Hungria e continuou sua clínica e produção teórica, durante uma fase de profusão criativa em que escreveu seus artigos finais, nos quais encontramos a maioria das ideias que, naquele tempo, tornaram o autor uma figura controversa e, anos depois, alimentaram seu reconhecimento como um psicanalista profundamente engenhoso. São desse período textos como “Adaptação da família à criança”, “A elasticidade da técnica psicanalítica”, “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, “Princípio de relaxamento e neocatarse”, “Análise de crianças com adultos”, “Confusão de línguas entre os adultos e a criança” e o imprescindível *Diário clínico*, uma *tour de force* do psicanalisar, editado apenas em 1985, após enormes esforços empreendidos por Balint.

Acometido de uma anemia perniciosa, Ferenczi faleceu em 24 de maio de 1933, aos 59 anos.

O início de nosso percurso: a formação universitária em Viena e os primeiros passos na carreira médica

Dissemos que, em 1891, quando contava dezessete anos, Ferenczi mudou-se para Viena para estudar medicina. Lá, curiosamente, hospedou-se na casa de um tio chamado Sigmund, irmão de seu pai. Sabemos por Rachman (2004[1995], p. 5) que Ferenczi costumava dizer que não era dos estudantes mais aplicados,

preferindo, muitas vezes, passar seu tempo livre divertindo-se, frequentando parentes maternos que moravam em Viena ou praticando alpinismo com um de seus irmãos, também chamado Sigmund.⁹

Lorin, em seu *Sándor Ferenczi, de la médecine à la psychanalyse* (1993), estabelece algumas hipóteses que teriam conduzido nosso protagonista a optar por essa carreira profissional. Uma das razões que o autor francês destaca para a escolha da medicina seria da ordem da reparação: após a morte do pai e da irmã Vilma, restaria a Ferenczi transformar sua neurose em missão, isto é, salvar aqueles que ainda poderiam viver.

Nesse contexto, pouca importância teriam os estudos de letras ou a livraria da família. Coube ao mais velho dos irmãos Ferenczi, Henrik, administrar o comércio. Sándor parecia dotado para as ciências naturais e, “então, renunciou à ilusão literária em favor de um saber reparador” (Lorin, 1993, p. 24, tradução nossa). A medicina poderia curar e dispunha de uma série de novos métodos: químicos, físicos, hipnose, eletricidade, sugestão e, depois, psicanálise.

De fato, essa ciência avançara grandemente no período, e Viena era uma escolha consequente: além de o ensino universitário de Budapeste, à época, ainda não ter a melhor reputação, Ferenczi estaria na área de abrangência do pensamento médico de língua alemã, que progredia rapidamente rivalizando com outros centros importantes, como França e Inglaterra, com algumas características próprias que seriam, *a posteriori*, questionadas pelo próprio autor.

9 Outras “coincidências” com relação a nomes aparecem na vida de Ferenczi: sua esposa, Gizella, tem o nome de sua irmã mais nova – justamente aquela com quem foi flagrado em uma cena de masturbação mútua infantil já relatada.

Alexander e Selesnick (1980[1966], p. 207) nos contam que a neurologia surgiu como uma disciplina própria, em meados de 1840, com a publicação do compêndio de doenças nervosas de Moritz Heinrich Romberg, neurologista da Universidade de Berlim (Alemanha). Quem lhe sucedeu na referida universidade foi Wilhelm Griesinger, médico com alguma influência no pensamento freudiano.¹⁰ Especialmente a partir de seus estudos, a neurologia alemã ganhou sua feição própria: Griesinger era partidário de uma concepção organicista de psicopatologia, que defendia a correlação do adoecimento psíquico com o mau funcionamento do cérebro.

Desse momento em diante, é recorrente encontrarmos na literatura a observação de que a segunda metade do século XIX foi marcada, no âmbito da ciência médica, pelo avanço nos estudos da anatomia e investigações bioquímicas. Pesquisas sobre a localização cerebral e o funcionamento das células que o compõem traziam especulações imaginativas para o escopo da medicina, não só nas escolas mais tradicionais como também em novos centros, como Estados Unidos e Rússia.

A Alemanha, contudo, parecia ser o lugar de eminência nas tentativas de aproximar a neurologia e a psiquiatria cerebral. Carl Friedrich Otto Westphal e Wilhelm Heinrich Erb foram outros médicos que seguiram essa tradição, sendo que o último foi quem desenvolveu um método de eletroterapia que, como veremos a seguir, foi objeto de críticas e reflexões de Ferenczi. A influência da neurologia e da psiquiatria alemãs, naturalmente, fez-se notar em Viena. Theodor Hermann Meynert (mestre de Freud) e seu discípulo Carl Wernicke foram os maiores nomes desse ramo do conhecimento, naquele momento, na Áustria. Bercherie (1989[1985], p.

10 Conforme citações em “A interpretação dos sonhos”, “Os chistes e sua relação com o inconsciente” e “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”.

134), aliás, relaciona esses dois autores entre os mais entusiasmados na construção de sistemas psiquiátricos amplos baseados nas recentes descobertas da neurologia, diferenciando-se de médicos mais prudentes, que apartavam as inovações neurológicas do trabalho clínico.

O período da formação de Ferenczi era também um momento de sistematização do conhecimento, no qual os neurologistas agrupavam sintomas neurológicos em síndromes e, posteriormente, em doenças; enquanto neuropatólogos buscavam situar lesões cerebrais que dessem explicações a tais fenômenos clínicos e neuropsiquiatras usavam princípios semelhantes para explicar alguns comportamentos. A confiança na ciência atingia níveis de ineditismo; o cérebro e a coluna vertebral mostravam-se promissores campos a serem desbravados. Sua conquista poderia afastar da medicina que tratava das afecções psíquicas as especulações filosóficas e religiosas que outrora lhe infiltraram.

Retomando a linha de pensamento de Lorin, a medicina, dessa forma, seria não só uma maneira de Ferenczi se proteger do sofrimento, de tapear sua neurose, como também um meio de abraçar princípios de um saber que estava em pleno desenvolvimento e que, em alguma medida, o elevariam a um ideal de onipotência. No capítulo seguinte, ao focar a produção pré-psicanalítica de nosso autor, podemos observar como se aproximou de diversas formas de cura propostas pela medicina no final do século XIX, ponderando sobre elas, e de outros aspectos da ciência médica desse tempo.

Refletindo sobre o contexto da medicina do período, Alexander e Selesnick contam que:

Na última parte do século XIX a ciência médica dedicou-se a intensivo estudo da anatomia patológica e a investigações bioquímicas realizadas por homens de

grande perspicácia. Se um médico não fosse realmente bom clínico, precisava ser pelo menos um estudante sério no laboratório (1980[1966], p. 211).

A pesquisa de laboratório foi, exemplificativamente, um campo de grande interesse inicial de Freud que, como se sabe, desenvolveu nesse ambiente uma série de trabalhos. Com Ferenczi, as coisas se deram de outra forma: ele jamais buscou a pesquisa nesse contexto. Seus interesses, desde o início, estavam mais próximos da clínica, ainda que impregnados de uma constante inquietude e espírito especulativo. Acerca das inclinações de nosso autor, assim seu célebre aluno e herdeiro intelectual (e clínico), Balint, descreve-o no necrólogo escrito em sua homenagem:

Se eu tivesse de definir em uma palavra o que nosso Mestre, no fundo de seu coração, realmente era, deveria dizer um médico, no melhor e mais rico sentido da palavra . . . As únicas coisas que permanentemente mantinham seu interesse, nas quais seu irrequieto espírito encontrava paz, eram: ajudar, curar¹¹ (1973[1933], p. 235, tradução nossa).

Logo que retornou de Viena para Budapeste, em 1897, Ferenczi ingressou como médico-assistente no hospital Szént Rókus (São Roque), situado próximo ao bairro judeu da cidade, onde

11 O próprio Freud, em correspondência mantida com Ferenczi no início de 1910, faz uma curiosa constatação, refletindo acerca de um sonho do húngaro: “Quanto ao sonho que teve, eu pessoalmente me interessei muito pela explicação de suas tendências médicas. Eu não possuo essa necessidade de ajudar os outros e vejo agora a razão: não ter perdido nenhum ente querido nos anos de infância e juventude” (Brabant et al., 1994, p. 184).

foi designado, contra sua vontade, para o setor de tratamento de prostitutas e mulheres em estado de perigo. Em meados de 1898, tornou-se médico-assistente no “Hospital dos Pobres” Erzsébet. Segundo Lorin (1973[1933]), tratava-se de uma instalação situada em uma localidade bastante poluída e degradada de Budapeste. Seu público era, em especial, composto de trabalhadores que viviam aos trapos em ambientes superpovoados.

A despeito das condições em que exercia a medicina, o verdadeiro interesse de Ferenczi era a neurologia e, na impossibilidade de ser alocado em um posto específico para o tratamento de pacientes com afecções nervosas, fazia experimentos consigo – seu preferido era uma espécie de “escrita automática”. Foi em um desses experimentos que lhe surgiu a (auto) sugestão de escrever um texto sobre o espiritismo.¹² Ele assim o fez. Em “O espiritismo” (texto de 1899, que nos serve de muitas maneiras como farol para refletir sobre os primeiros momentos do pensamento ferencziano), o húngaro abordou pela primeira vez a ideia de uma divisão no funcionamento mental. Ali já demonstrou seu interesse pelo “inconsciente”.¹³

Sobre a circulação da ideia de funcionamentos psíquicos inconscientes naquele momento, Mészáros nos conta: “A inteligência do *fin de siècle* estava profundamente interessada em manifestações inconscientes da mente humana, que apareciam no fenômeno histérico, hipnose, produções dos meios espíritas e escrita automática” (1993, p. 43, destaque do autor, tradução nossa). Essa afirmação encontra amparo no fato de que o artigo sobre espiritismo foi

12 Curiosamente, o tópico do espiritismo foi também tema da tese de doutoramento de Carl Jung (Prado de Oliveira, 2011, p. 15), o que demonstra um campo comum de interesse, o das chamadas “ciências ocultas”, que também será, consoante estudaremos, objeto do cuidado e interesse de Freud.

13 Para nosso estudo, utilizamos o texto em francês “Le Spiritisme” (1994[1899a]).

publicado no jornal médico com o qual Ferenczi viria a contribuir regularmente, o *Gyógyászat*.¹⁴

Ferenczi é constantemente descrito como alguém que participava desse ambiente efervescente, em que os fenômenos de dupla consciência eram apreciados não só do âmbito médico como também do transcendental e artístico. Frequentava cafés e encontros nos quais se cercava de indivíduos com atividades diversas que partilhavam dos mesmos interesses. Brabant-Gerö, em seu *Ferenczi et l'école hongroise de psychanalyse*, nos oferece uma oportuna descrição de como os interesses científicos de nosso autor o aproximavam dos jovens intelectuais que pleiteavam mudanças na organização da sociedade húngara no início do século XX. Assim diz a autora:

É pouco surpreendente que esse filho de imigrantes judeus [refere-se a Ferenczi] se encontrasse ao lado daqueles que queriam democratizar seu país e renovar sua cultura. No círculo artístico e literário que se formava em sua mesa de costume no Café Royal, encontrava-se o ambiente da livraria de seu pai. . . . As ideias de Freud são imediatamente associadas às correntes novas e percebidas como aptas a transformar o mundo. Assim, aos olhos dessa geração, a liberação do indivíduo e da sociedade caminham lado a lado (Brabant-Gerö, 1993, p. 40, tradução nossa).

Retomando nossas observações sobre o início de sua prática médica na capital húngara, podemos notar que, antes mesmo de

14 O *Gyógyászat* (“terapeuta”) foi um jornal médico húngaro editado por Miksa Schächter, figura de grande importância para Ferenczi, de quem falaremos mais adiante.

ser designado como “o analista dos casos difíceis”, nosso protagonista já demonstrava proximidade com aqueles que ficavam à margem. É certo que nem sempre isso partia de seu desígnio consciente, como se deu, ao menos em parte, em seus primeiros atendimentos hospitalares na clínica geral. O fato é que, além de trabalhar com as prostitutas, Ferenczi chegou a ser representante do Comitê Humanitário Internacional de Defesa dos Homossexuais, ainda em 1897.¹⁵

Em 1901, concretizou seu intento de trabalhar especificamente com afecções psíquicas, ao ingressar na sessão de neuropsiquiatria de um dos hospitais onde atendia em Budapeste. Nesse contexto, especializou-se em neurologia e neuropatologia e adquiriu habilidade com a hipnose e a sugestão. Em 1904 dirigiu consultas na Caixa de Saúde de Budapeste e, em 1905, tornou-se perito judicial.

Paralelamente à sua atividade clínica, Ferenczi desenvolveu, ao longo dos anos que antecederam seu encontro com Freud, uma grande atividade autoral, escrevendo uma série de artigos nos quais expunha seus pontos de vista sobre diversos temas relacionados à prática médica de seu tempo, concepções de adoecimento e terapias. Ou seja, ao contrário do que se costuma pensar, mesmo antes de seu encontro com a psicanálise, Ferenczi já era um autor

15 Sobre o tema dos direitos dos homossexuais, escreveu em 1905: “eu considero a homossexualidade como um ato que não traz consequência para a sociedade”; “A repressão dos homossexuais é injusta e inútil . . . é necessário punir o ato pelo qual um indivíduo dá voz a seus instintos inatos, se esses não causam mal a quem quer que seja? Essa questão me parece o ponto essencial do problema” (Ferenczi, 1994[1905], pp. 254-255, tradução nossa). Não nos parece inexato afirmar que essa tolerância àquilo que, então, era considerado um desvio de caráter ou uma característica de “degenerados” (no sentido da “teoria da degenerescência”, da qual falaremos adiante) fornecia condições importantes para que Ferenczi se deixasse cativar, posteriormente, pela obra freudiana.

com substancial produção teórico-clínica, tendo redigido em torno de 45 trabalhos entre 1899 e 1907.

Conta Sabourin que:

antes daquele encontro fulgurante com Freud, que iria transformar sua vida, Ferenczi estava engajado numa luta contra a ordem médico-psiquiátrica estabelecida em seu país. Sua defesa pública dos homossexuais, sua insistência em introduzir uma nova psicologia do amor, seu estudo sobre a patologia do meio médico, antecipam precisamente suas pesquisas psicanalíticas e dele fazem, já nessa época, um cabeça da contestação dos pedantismos da moda (1988[1985], p. 2).

Esses escritos foram coletados por Lorin em meados dos anos 1970 e publicados na coletânea francesa *Les écrits de Budapest*. Confirmando o ponto de vista de Sabourin que citamos, outros autores veem nesses textos o germe do que viria a caracterizar a clínica psicanalítica posterior de Ferenczi: abordagem relacional, dinâmica intersubjetiva do par terapêutico, preocupação com o processo de cura, observações sobre contratransferência, críticas à neutralidade etc.¹⁶

No próximo capítulo, nos debruçamos sobre esse momento do pensamento clínico ferencziano. Pela leitura de alguns desses trabalhos, pretendemos conhecer com maiores detalhes como Ferenczi se relacionava com o pensamento clínico geral de seu tempo, bem como saber mais de suas principais preocupações no trabalho com enfermos, mantendo alguma atenção se, como e por

16 Kahtuni e Sanches (2009, p. 9); Rachman (2004[1995], p. 9).

que essas preocupações reapareceriam em seus textos psicanalíticos. Podemos ainda conhecer algumas inquietações que permaneciam sem resposta no âmbito do conhecimento clínico a que tinha acesso, situação essa que provavelmente fez nosso autor encantar-se pela psicanálise.

Passemos, assim, aos escritos de Budapeste.



Este livro é resultado de uma pesquisa abrangente e rigorosa empreendida por Gustavo Dean-Gomes. Desde o proclamado renascimento de Ferenczi, nos anos 1980, suas ideias voltaram a animar os debates da comunidade psicanalítica. O contato com o *enfant terrible* da psicanálise revelará ao leitor um estilo clínico pulsante, norteado pela ética do cuidado com os psiquismos traumatizados da nossa contemporaneidade. O livro nos brinda com uma excelente contribuição para a transmissão da obra de Ferenczi no Brasil; reconhece o seu potencial inspirador e, ao mesmo tempo, enfrenta suas formulações mais controversas.

– ***Daniel Kupermann***

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-1835-7



9 788521 218357

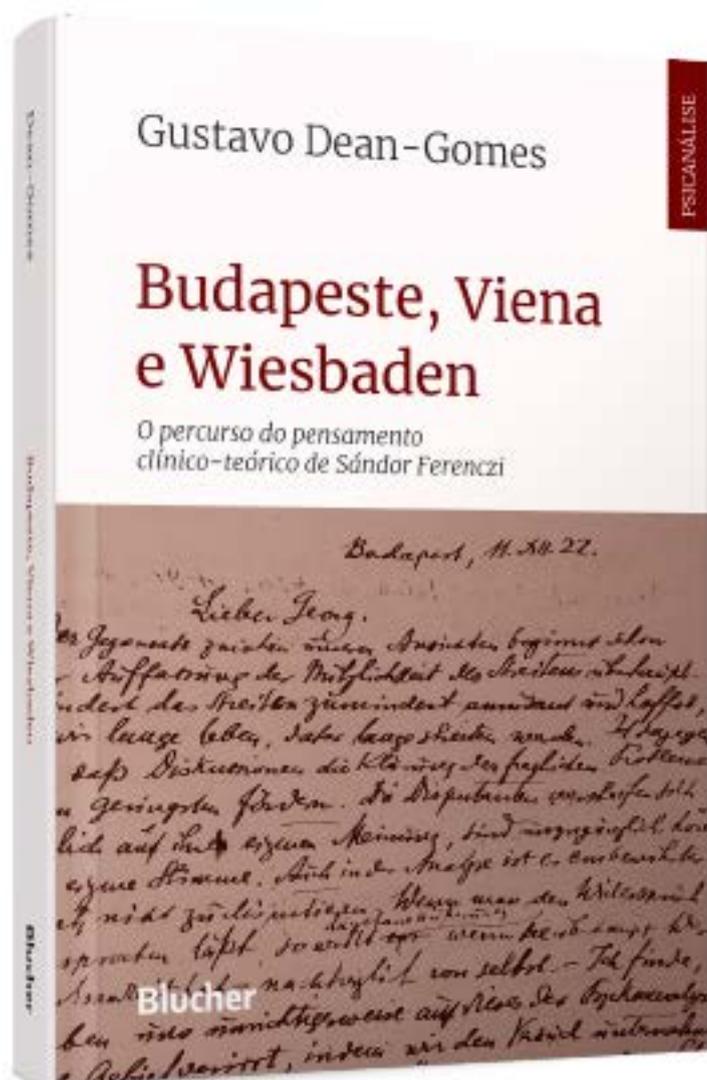
série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Budapeste, Viena e Wiesbaden

O percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi

Gustavo Dean-Gomes

ISBN: 9788521218357

Páginas: 496

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2019

Peso: 0.000 kg